

O estudo da atenção voluntária e o TDAH: novas perspectivas

Hilusca Alves Leite – Universidade Estadual de Maringá.
Silvana Calvo Tuleski – Universidade Estadual de Maringá.

O crescente número de crianças que recebem o diagnóstico de portadoras do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, bem como a crescente venda de medicamentos para o tratamento desses casos não passam despercebidos àqueles profissionais mais atentos a questões relativas à infância. Dados de 2004 (Rohde, Miguel Filho, Benetti, Gallois & Kieling, 2004) revelam que cerca de 3 a 6% das crianças brasileiras têm o referido diagnóstico, no entanto, pensamos que, na atualidade, este índice tenha aumentado. Tal inferência parte dos dados relativos à crescente venda de medicamentos para o tratamento desses casos, os quais atestam que, do início deste século até o ano de 2008, este aumento foi de 1616% (IDUM, 2009).

Atualmente, o entendimento que predomina a respeito do problema da desatenção e dos comportamentos hiperativos o compreende como decorrente de desordens orgânicas. A explicação de que se trata de um problema de ordem genética com transmissão hereditária ganha cada vez mais espaço entre estudiosos do assunto (Barkley, 2008).

No entanto, dados como os apresentados na pesquisa de Eidt (2004) acerca da maneira como vêm sendo realizados os diagnósticos para os casos de TDAH revelam o quanto as concepções teóricas hegemônicas sobre este assunto ainda revelam-se frágeis. De acordo com sua pesquisa, cerca de 35% dos casos por ela investigados, tinham seus diagnósticos realizados com ensaios terapêuticos, ou seja, a administração do medicamento e seu efeito serviam para confirmar uma suspeita de TDAH.

Considerando a inquietude que os dados acima provocam e igualmente a falta de literatura que compreenda o problema da desatenção e dos comportamentos hiperativos por um viés que fuja do entendimento exclusivamente biologizante do problema, propusemos o estudo do desenvolvimento da atenção voluntária, que teve como norte teórico a Psicologia Histórico-Cultural (Leite, 2010).

Neste caso, realizamos uma pesquisa conceitual ou bibliográfica, na qual o foco principal foi entender como se desenvolve nos indivíduos a capacidade de sustentar a atenção em determinadas atividades e prescindir dos demais estímulos. Para tal empreita, foram consultados os autores fundadores da Psicologia Histórico-Cultural, Vygotski, Luria e Leontiev, e outros autores soviéticos que deram continuidade a esta perspectiva teórica.

A Psicologia Histórico-Cultural entende que o desenvolvimento humano se dá em um movimento dialético, no qual o indivíduo modifica o meio do qual faz parte e, ao fazê-lo, também é modificado por este meio. Assim, propõe a existência de uma unidade entre indivíduo/sociedade, biológico/cultural. Sob tais pressupostos, ao se pensar no problema da desatenção e dos comportamentos hiperativos, é preciso pensar da mesma forma nas possibilidades de desenvolvimento da atenção na atual conjuntura social.

Para tanto, destacamos alguns aspectos que consideramos relevantes, como a conjuntura política e econômica, que vem sofrendo o impacto dos preceitos neoliberais, especialmente a partir da década de 1980. Esta nova forma de entendimento político e econômico provocou diversas transformações sociais, dentre elas, no mundo do trabalho e na educação. No primeiro caso, ganha força o conceito de trabalho flexível no qual o indivíduo é contratado para um cargo e, nele, acaba realizando diversas tarefas, tendo, por isso, o esfacelamento da função da atenção.

Na educação dentro desta lógica, a escola assume o papel de formar indivíduos para o mundo do trabalho, passando a preparar indivíduos para adaptarem-se a essa sociedade e não para repensá-la ou tentar modificá-la. Com isso, tem-se um empobrecimento na transmissão dos conteúdos científicos na escola e a valorização da ideia de que o aluno mais esforçado, mais competente, será aquele que se sobressairá. Por outro lado, o que não teve a mesma sorte é responsabilizado individualmente por seus fracassos. Dessa forma, a escola exime-se da responsabilidade de pensar questões importantes, como: a relação professor/aluno, em que o primeiro tem fundamental importância na mediação da aprendizagem; na transmissão de conteúdos científicos de forma a fazer correlação com o contexto do qual o aluno faz parte. Os indivíduos que apresentam déficits de atenção ou problemas de hiperatividade se enquadram nos casos em que são responsabilizados individualmente, uma vez que a escola não se reconhece como promotora do desenvolvimento das funções superiores, dentre elas, a atenção e a capacidade de controlar os impulsos (volição).

Assim, o entendimento a respeito do TDAH que leva em consideração exclusivamente os aspectos orgânicos do indivíduo caminha ao encontro dessa forma de educar que predomina atualmente na escola. Além disso, compactua com as ambições do mercado de venda de medicamentos.

Estudar a atenção desde sua gênese até a sua expressão mais elaborada, a voluntária, é, portanto, imprescindível para que se dê um novo enfoque sobre os problemas de desatenção e hiperatividade. A atenção é a instância psíquica responsável por selecionar determinadas tarefas importantes ao indivíduo, bem como as ações fundamentais para o cumprimento da referida tarefa (Luria, 1979), ela não está dada desde o nascimento. Nos primeiros anos da infância, predomina a chamada atenção involuntária – tipo de atenção que responde a qualquer estímulo novo (luzes, cores, sons diferenciados) –, mas que se extingue conforme o indivíduo se adapta à novidade. Paulatinamente, a atenção involuntária vai sendo substituída pela atenção voluntária, responsável por fazer com que o indivíduo permaneça em uma atividade mesmo que esta não seja inteiramente interessante (Vygotski, 2000).

Esta passagem da atenção involuntária para a voluntária se dá à medida que o indivíduo, ainda criança, é inserido em seu contexto social. Desde muito cedo, a mãe, ou outra figura cuidadora, indica objetos e os nomeia para a criança, isso faz com que tal objeto ganhe relevância em detrimento dos demais que estiverem no mesmo contexto, e conduz a atenção da criança. Mais adiante, com a inserção da criança na escola, a atenção voluntária tende a se tornar mais estável, porque o ambiente escolar impõe tarefas que exigem do aluno voluntariedade na atenção, na memória, no comportamento, etc. A partir da adolescência, a atenção voluntária ganha caráter automatizado, torna-se comum ao sujeito focar sua atenção em determinadas atividades e, à proporção que ocorre a inserção desse indivíduo em contextos de trabalho, a atenção voluntária torna-se cada vez mais consolidada (Vygotski, 1996). No entanto, se consideramos como está o nosso contexto educacional e de trabalho atualmente, observa-se que a escola pouco tem participado na constituição intencional deste tipo superior de atenção, e o contexto de trabalho, quando exige diversas funções de um único indivíduo, contribui mais para o esfacelamento desta atenção superior do que para sua consolidação.

Nesse sentido, destacamos a importância da instituição escolar para, por meio do ensino sistematizado, promover o desenvolvimento das funções superiores. Do exposto, defendemos a importância de se pensar formas da transmissão dos conhecimentos científicos de forma articulada com a realidade social, para que ganhem significado e despertem interesse no aluno, constituindo-se, dessa forma, em um motivo pelo qual se deve estudar e, por conseguinte, fixar sua atenção em determinados conteúdos.

Deste modo, estudar a constituição da atenção voluntária na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural nos permite uma nova compreensão a respeito dos fenômenos da desatenção e dos comportamentos hiperativos. Oferece, por outro lado, a possibilidade de frentes de pesquisa a respeito do assunto em pauta que considerem o homem em sua totalidade, na unidade indivíduo/sociedade, objetivando o desenvolvimento de práticas pedagógicas capazes de promover o desenvolvimento das funções superiores, dentre elas a atenção.

Referências:

- Barkley, R.A. (2008). *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento* (3ª ed. Ronaldo Cataldo Costa, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Eidt, N.M. (2004). *Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: diagnóstico ou rotulação*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar; Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP.
- IDUM – Instituto brasileiro de defesa do usuário de medicamentos (2009). *Aumenta em 1.616% o consumo da droga da obediência*. Recuperado em 01 de junho, 2009, de <http://www.idum.org.br/noticia53.html>
- Leite, H.A. (2010). *O desenvolvimento da atenção voluntária na compreensão da Psicologia Histórico-Cultural: uma contribuição para o estudo da desatenção e dos comportamentos hiperativos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.
- Rohde, L.A.; Miguel Filho, E.C.; Benetti, L.; Gallois, C. & Kieling, C. (2004). Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade na infância e na adolescência: considerações clínicas e terapêuticas. *Rev. Psiquiatria clínica*, 31(3), 124-131.
- Luria, A.R. (1979). Atenção e memória. In: A. R. Luria *Curso de Psicologia Geral* (Volume III). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Vygotski, L.S. (1996). Desarrollo de las funciones psíquicas superiores en la edad de transición. In: L.S. Vygotski. *Obras escogidas*. (tomo IV, Cap. 11, pp.117-203) Madrid: Visor. (obra original publicada em 1931).
- Vygotski, L.S. (2000). Dominio de la atención. In: L.S. Vygotski. *Obras escogidas*. (tomo III, Cap. 9, pp. 213-245). Madrid: Visor (obra original publicada em 1931).